

# O tempo tardio em Giorgio Agamben

MARCÍLIO MEDEIROS SILVA

**RESENHA:** AGAMBEN, Giorgio. **A última mão ao inebriamento.** Tradução de Pedro Fonseca. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2024.

Composta por quatro partes, um adendo e algumas imagens, a obra intitulada *A Última mão ao inebriamento* foi lançada na Itália em 2023 e traduzida no Brasil em 2024. Nela, Giorgio Agamben busca compreender os traços singulares nas obras tardias de alguns escritores e artistas. A questão do tempo e do pensamento – bastante discutida em seus livros – são abordadas a partir da análise daqueles que, em seus estágios derradeiros, apresentam algo surpreendente: ao reviverem uma certa experiência do passado, expõem algo novo em suas obras. Não se trata de pensadores que apenas ratificam um percurso, consolidando aquilo que se costuma chamar de estilo do autor. Tampouco de um desfecho cronológico, como se fosse apenas a realização do que deles se esperava. Trata-se de experiências em que passado e presente se encontram e se afirmam fora do tempo habitual.

O título da obra, *A última mão ao inebriamento*, sugere a imagem de um gesto derradeiro, quase ritualístico, quando um artista – um pensador – se depara com sua própria obra na velhice. No entanto, esse gesto não é meramente conclusivo. Com ele o passado ressurge com força renovada. Agamben observa que nas obras finais desses autores há uma espécie de retorno ao início, não no

sentido de repetição ou regressão, mas como uma reativação do que havia ficado apenas como possível. Para o velho pensador, todos os tempos lhe são contemporâneos.

---

## MARCÍLIO MEDEIROS SILVA

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da UECE e pesquisador do Observatório das Nacionalidades da UECE. Compõe a equipe de pesquisadores do projeto Cartografia institucional das dinâmicas migratórias no Ceará, com financiamento FUNCAP Pró-Humanidades.  
E-mail: marcilio.medeiros@aluno.uece.br

O pensamento tardio não segue um tempo linear, ele se inscreve em uma outra temporalidade. Mas o que significa não ter mais tempo? O que se pode fazer quando não há mais um vazio à frente que se possa imaginar preencher? O tempo agora parece pressionar para trás. Adiante, não há mais nada. O tempo do fim, aquele sobre o qual se pôde refletir durante toda a vida, agora chegou. Já não é possível viver como se cada instante fosse o último; agora, irremediavelmente, o instante é o último. O ir além afunda no próprio lugar – submerge. Não se trata de um ponto mensurável, mas apenas de um onde. E é justamente esse onde que se revela como uma possibilidade de fuga – uma saída que, excedendo qualquer localidade, se desloca no tempo.

Diante dessa questão, talvez seja oportuno pensar naquela afirmação que diz que os velhos vivem do próprio passado. No entanto, no caso dos autores que aparecem no livro de Giorgio Agamben, não se trata do ato de recorrer a uma massa de coisas que ficaram para trás e que serão trazidas de volta pela memória. Mas de uma espécie singular de epigênese – o pensamento do velho nasce de si mesmo e do próprio passado. Um passado que não acabou nem é imutável, mas conserva em aberto a possibilidade de vida ulterior que pode ser retomada.

Ou seja, o velho busca no próprio passado aquela possibilidade de desenvolvimento que, segundo Feuerbach, é o elemento filosófico contido em todos os fenômenos. Ele é o intérprete de si mesmo, mas a exegese coincide aqui com a vida (Agamben, 2024, p. 21).

Um pensamento que emerge do próprio passado. Não de um passado meramente recordado, mas de um passado que se metamorfoseia ao encontrar uma vida que é ao mesmo tempo ulterior e derradeira. Há uma espécie de renascimento. Gerar-se a partir do próprio passado é o que parece ser o segredo da velhice, seu principal arcano. E, se isso for realmente verdadeiro, o velho também é, de certa forma, jovem em sua condição permanentemente principiante, que começa a viver a partir de algo que já viveu, das diversas fases que o precederam. Sua experiência não se resume a uma simples revisitação do vivido. Trata-se, antes, de levar à completude aquilo que, até então, havia permanecido em

suspenso, inacabado. Muitas vezes, é na contramão da expectativa que o velho, ao retornar ao passado, o cumpre como se estivesse vivendo pela segunda vez algo que, paradoxalmente, nunca havia experimentado – é o que afirma Agamben.

Ocorre aí uma forma singular de memória: não uma memória que apenas resgata, mas a que transfigura e redime, que transforma o vivido e, em certo sentido, o corrige. É a memória em seu gesto tardio que reabre o tempo e confere nova forma ao que parecia definitivo. E assim, um velho em seu inebriamento “(...) ensina ao garoto os prazeres e os pensamentos dos quais este não era capaz, e, contentando-se com sua inexperiência, redobra, por assim dizer, o próprio deleite (Agamben, 2024, p. 23).

É sabido por muitos que tardios são os frutos que demoram a nascer, em contraste com os primeiros frutos. Que tardio é àquilo que chega depois do tempo considerado oportuno. A hora tardia é aquela que já se insinua com a noite. Um termo que carrega, sobretudo, uma conotação negativa, quando evoca a lentidão, a letargia. Porém, o estilo tardio dos poetas e artistas, embora se aproxime da hora noturna, é, para Agamben, inigualável e soberano, justamente por romper com as formas já elaboradas. “A última mão é uma mão que desfaz e devasta, que desperdiça e saqueia” (Agamben, 2024, p. 15).

A obra tardia se caracteriza por movimentos inesperados; ela é marcada por dissonâncias em relação ao que já havia sido feito. É, conforme Agamben, um momento em que a obra parece, de certo modo, isolada. Ela não apresenta um acabamento refinado, tampouco formas harmoniosas. Pode até mesmo não coincidir, necessariamente, com a velhice de seu autor. Embora seja mais comum que ocorra nos últimos anos de vida – como nos casos de Platão, Michelangelo, Kant, Goethe e Leibniz, para citar alguns –, há exceções, como a de Hölderlin, cuja obra tardia pode ser localizada ainda aos trinta anos de idade. Para Agamben, nos últimos hinos de Hölderlin observa-se a ruptura da unidade métrica e sintática, que compromete a própria legibilidade do que foi escrito.

Mas é Claude Monet que se apresenta como um caso exemplar. Aos 86 anos – com a visão profundamente embaçada –, ele continuou a pintar ininterruptamente. Para Agamben, foi Gottfried

Boehm quem demonstrou como, no velho pintor, a tentativa de capturar a instantaneidade do motivo real se traduz na percepção de uma dupla visão: a do objeto e a das manchas disformes de cores que tentam retratá-lo. Com isso, a diferença entre o original do mundo e a ficção de sua imagem vai se dissolvendo, tornando-se indeterminada. A representação não substitui a realidade; ambas existem apenas em uma troca incessante, impossível de apreender de uma só vez.

É justamente no momento tardio que o escritor e o artista parecem desejar abarcar toda a sua obra com um só olhar. Nesse instante, revelam-se todas as possibilidades e toda a potência de sua criação; o velho pode, inclusive, abandoná-la. Mas também pode desejar fragmentá-la em certos pontos. O que é posto em jogo nesse movimento é a própria identidade da obra.

Acontece aqui como quando um rio chega à foz e se rompe em forma de delta numa multiplicidade de riachos e canais, engolfando-se em lagoas e lagos que parecem atenuar o seu ímpeto e dispersar a sua identidade, quase como se não houvesse outro modo de restringir seu curso senão cindindo-o e rompendo-o. Inebriada por seu próprio caráter derradeiro, a última mão não forma, mas desintegra e desfaz (Agamben, 2024, p. 31).

Esta obra tardia, tendencialmente dispersa em uma multiplicidade de fragmentos, à medida que se dissipa, parece se afastar do fim para reencontrar um novo começo. É como se o fim lhe sobreviesse não como um término, mas como uma iniciação. A obra tardia, por sua própria natureza, remete inevitavelmente ao tempo: o velho se refaz a partir daquilo que viveu. Não havendo mais urgência, ele já não precisa se apressar. Tem, para si, todo o tempo disponível. As possibilidades não diminuem, pois todo o passado se torna novamente acessível. O velho passa a caminhar entre as diversas possibilidades que esse passado lhe oferece.

Determinado evento ou imagem são extraídos da garganta de Cronos – ou talvez sejam eles mesmos a chamar e a se oferecer ao olhar – e, entrando em constelação com o presente, perdem o próprio registro temporal. O passado não é menos determinado pelo

presente do que o presente é destituído de sua identidade cronológica – e essa transtornada desidentificação define a temporalidade do tardio (Agamben, 2024, p. 37).

Certa vez, o pintor Giorgione fez um quadro que retrata uma mulher idosa, cujas feições estão profundamente marcadas pela passagem do tempo: cabelos grisalhos, rugas profundas, olhar fatigado, boca entreaberta e mãos enrugadas. Ela segura uma cartela onde se lê a inscrição: “Com o tempo”. À primeira vista, a imagem parece expressar os efeitos destrutivos do tempo. No entanto, Giorgio Agamben arranca dessa cena um sentido afirmativo. Ele observa que, com a mesma mão que sustenta a cartela, a mulher aponta para o próprio peito. Esse gesto revelaria que, mais do que vítima do poder destrutivo do tempo, ela o domina. Ainda que o tempo pese sobre sua figura, a velha demonstra que ainda há muito o que fazer com ele.

Nesse contexto, o livro de Giorgio Agamben também pode ser lido como um gesto tardio. O próprio autor, já no avançar da idade, inscreve-se entre os que tentam dar sua última mão ao pensamento – com seus ensaios cada vez mais breves e poéticos. Ele parece lidar com sua velhice como uma vivência onde o tempo não é mais um dado cronológico, mas uma matéria a ser retrabalhada. O que se apresenta, então, é uma experiência filosófica de maturidade que não fecha, mas radicaliza – que não consola, mas desperta.

Ao contemplar a fase tardia de alguns autores, Agamben nos convida a perceber uma dimensão profundamente ética nos gestos lentos, nas obras inacabadas e no pensamento que retorna sobre si mesmo. *A Última Mão ao Inebriamento* é um convite ao pensar cuidadoso, à escuta paciente e ao encontro daquilo que será refeito – ou até mesmo desfeito – quando tudo parecia já ter se encerrado. Um inebriamento que não entorpece, mas que desperta. Uma tentativa de pensar um presente que já envelheceu – mas que, ao reconhecer-se como tal, isto é, envelhecido, talvez reencontre sua potência mais profunda.

Estas questões talvez possam ser pensadas sobre o momento atual, pois, conforme o autor, o envelhecimento não se restringe aos homens – épocas também envelhecem. O tempo, como nos

lembra Agamben, por sua própria definição, carrega uma dimensão de esgotamento, sendo comumente representado pela figura de um velho. “Mas o que significa, para um povo, estar envelhecido, estar fora do tempo, não ter mais tempo diante de si? E qual política corresponde a essa situação? (Agamben, 2024, p. 17)”. O que leva Agamben a compor essa obra é, portanto, uma questão ética e profundamente política.